



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura de ordens de serviço de início de obras do PAC, lançamento do Bolsa Formação, Plano Habitacional para Policiais e Pacto dos Territórios da Cidadania no estado do Piauí

Teresina – PI, 05 de maio de 2008

Meu caro companheiro Wellington Dias, governador do estado do Piauí,
Meu caro companheiro Jackson Lago, governador do estado do Maranhão,

Ministro Tarso Genro, da Justiça,
Celso Amorim, das Relações Exteriores,
José Temporão, da Saúde,
Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,
Marcio Fortes, das Cidades,
Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Eu queria que o pessoal que estava com uma faixa aí, dizendo que não tem médico de família não sei onde, levante a faixa para o Temporão ver. Aquela faixa, escrita à mão, dizendo que não tem... Está aqui.

Meu caro Wilson Martins, vice-governador do Piauí,
Deputado Themístocles Filho, presidente da Assembléia Legislativa,
Senador João Vicente Claudino e o nosso companheiro João Pedro, senador pelo estado do Amazonas, que está aqui nos visitando,

Deputados federais Antônio José Medeiros; Ciro Nogueira; Frank Aguiar, que mora em São Bernardo, mas não esquece nunca o seu estado natal; Marcelo Castro, Nazareno Fonteles, Osmar Júnior, Paes Landim,

Meu companheiro Jorge Hereda, presidente-interino da Caixa Econômica Federal,



Companheiros secretários estaduais,

Nossa querida Josefa Francisca de Lima, representante da Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários,

Raimundo Mendes da Rocha, representante da Federação das Associações dos Moradores do Piauí,

Meu caro Francisco Ferreira dos Santos, representante da Federação das Entidades Comunitárias do Piauí,

Companheiros e companheiras moradores do Bairro Renascença, de Teresina.

Eu estou agora mais tranquilo porque uma nuvem cobriu o sol. Eu estava com pena de vocês aqui, com pena dos nossos soldados, em pé, neste sol, e esses caboclos, aqui, falando tanto e falando tanto. Eu falei: “benza Deus, todo mundo com fome, porque o Wellington me prometeu um almoço, já são 2h15, e eu até agora só estou na palavra dele. Mas eu quero, companheiros e companheiras, ser breve e dizer para vocês três coisas bastante importantes para nós. Em primeiro lugar, eu quero dizer que Deus sempre nos dá lição. Eu me lembro do Wellington, aqui, muito menino, vereador, muito impetuoso, depois, eu me lembro do Wellington deputado estadual. E governavam este estado uns caciques que o povo nem podia chegar perto. Eu me lembro do dia em que o Wellington disse a mim que ia ser candidato a governador do estado. E eu falei: mas será que esse moleque quer ser candidato a governador do estado? Será que ele tem tamanho para isso? E como Deus é sábio, Deus conseguiu fazer com que este funcionário da Caixa Econômica Federal fosse eleito governador deste estado, para este estado saber como é que um homem de bem faz a diferença governando o dinheiro público.

Certamente, nós não poderíamos estar aqui comemorando tudo que estamos comemorando, se não fosse a possibilidade de a gente construir parcerias com o governo do estado, com os prefeitos, porque não é possível o



presidente da República governar uma cidade do Piauí lá de Brasília. Não é possível o governador governar aqui de Teresina, é preciso que tenha uma auto-confiança na relação entre o governo do estado, o prefeito e o presidente da República. Isso está permitindo que a gente assista a uma pequena revolução no estado do Piauí. E sei, também, que não é possível a gente consertar em quatro, oito ou dez anos o desmazelo de 50 ou de 100 anos causado pela elite dirigente deste País.

Eu digo sempre, eu digo todos os dias, e não me canso de repetir: as pessoas só dão valor a pobre na época da eleição. Eu faço questão de dizer todos os dias, eu sei que isso dói, eu sei que isso machuca, mas é o único dia na vida em que o pobre vale ouro, é o dia em que ele está na fila para ir votar. Quando ele está na fila para votar, se tiver um banqueiro do outro lado, todo engravatado, o político não vai nem ligar para o banqueiro, ele vai cumprimentar o pobre. Agora, passadas as eleições, o pobre é esquecido, o banqueiro é lembrado, e o pobre só vai ser lembrado quatro anos depois. Eu digo isso, porque este estado aqui é um estado que tem um potencial extraordinário. Acontece que este estado, durante décadas e décadas, elegia um determinado tipo de político que não tinha a menor preocupação em contar a população do Piauí e saber que a maioria do povo deste estado não é rica, é pobre e que, portanto, deveria governar para os mais necessitados. O Wellington está fazendo não um milagre, ele está cumprindo com os compromissos que ele assumiu no palanque.

Eu fui, agora, visitar um hospital de recuperação de portadores de deficiência física, normalmente crianças com seqüelas cerebrais. E eu confesso, Wellington, eu duvido que tenha alguém na delegação que não tenha ficado sensibilizado com aquela nossa menina dançando, o sacrifício que ela fazia para mexer o único dedo. E quando a gente vê uma pessoa doente fazer um sacrifício enorme, a gente, primeiro, tem duas visões: como seria importante que nós, seres humanos, fôssemos mais humildes, fôssemos mais



solidários, fôssemos mais companheiros, porque a nossa vida é muito frágil. A única coisa que a gente leva da Terra é a relação de amizade que a gente faz, são os companheiros ou as companheiras que a gente construiu ao longo da vida. É a gente colocar a cabeça no travesseiro e todo dia dormir com a certeza de que a gente fez o bem para alguém ou, se não fez o bem, também não fez o mal.

Eu, quando vi aquela menina fazer o esforço que ela fez para fazer um movimento com um dedo, eu fiquei imaginando: quanta gente boa, quanta gente que não tem nenhuma doença e está fazendo tanta desgraça neste País, matando gente, roubando gente. É uma inversão que nós precisamos mudar, com a presença do Estado.

Também não havia nenhuma razão para o povo gostar do governo do Estado, para o povo gostar do prefeito, se o prefeito não está lá no bairro dele, se o prefeito não está lá na rua dele, se o governador não está lá com escola, não está lá com hospital, não está lá com universidades. As pessoas querem apenas serem tratadas com respeito, as pessoas querem apenas serem lembradas, as pessoas querem que saibam que elas existem, que tem crianças que precisam tomar café, almoçar e jantar todo dia, que a água tem que ser tratada, que o esgoto tem que ser coletado e tratado para que as pessoas não peguem tanta doença como se pega em muitos lugares do nosso País.

O Wellington começou a mudar a história do Piauí. Ele começou a mudar a história deste estado. E nós tivemos sorte de estarmos juntos na mesma eleição. Hoje nós viemos aqui... Só o que o ministro Guilherme Cassel falou é uma coisa importante. Eu estou vendo todo mundo com o papelzinho na mão, só para o território de Carnaubais são 81 milhões de reais para um conjunto de cidades, para a gente fazer desde política agrícola a política de educação, a política do Luz para Todos. No outro território, que é o território de Serra da Capivara, são 89,7 milhões de reais para a gente atender às cidades vizinhas com políticas sociais para o povo daquela região. E o terceiro território



é o território do Vale do Guaribas. São 208 milhões de reais para a gente atender, a partir deste ano, as pessoas mais necessitadas, desde cuidar do pequeno agricultor que, quando planta, chove, tem água e ele colhe. Não tem preço garantir que o estado compre o produto que ele produzir, se o mercado estiver oferecendo um preço baixo.

É por isso que o programa do leite foi o sucesso que foi neste País. É por isso que nós, agora, estamos vendo a imprensa dizer que está faltando feijão e está ficando caro. Mas eu vou dizer uma coisa para vocês: só no território de Entre Rios, são 325 milhões de reais para atender essa população. Ao todo, aqui, meus companheiros, é mais de 1 bilhão de reais para que a gente possa, até 2010, fazer as políticas de reparação e dar condições para que as pessoas possam produzir. Estão dizendo que o feijão está caro, e é verdade, está caro o feijão. Há três anos, a saca de feijão estava 60 reais, ela chegou a 250. E esse é um problema bom, porque os chineses estão comendo mais, os indianos estão comendo mais, o povo pobre brasileiro está comendo mais, a América Latina está comendo mais, os africanos estão comendo mais. Se falta alimento? Ótimo, vamos produzir mais alimento neste País. Nós temos terra, nós temos tecnologia, nós temos água, nós temos sol quase que o ano inteiro.

O Wellington me dizia: “Presidente Lula, com um pouquinho de investimento na melhoria da qualidade da terra, a gente pode até triplicar a produção de feijão por hectare”. E agora, Wellington, nós temos que tomar cuidado, porque se a gente produzir muito, o preço cai muito. Então, é importante, para que o preço não caia e não quebre o pequeno, que a gente cuide de garantir um preço mínimo justo para que o pequeno produtor não perca. Ele perde se não produzir, perde se produzir, perde se não chover, perde se chover. Nós precisamos resolver isso. É por isso que acabamos de fazer a renegociação da dívida dos agricultores, desde os grandes aos menores, neste País.



Eu fui, agora, a Alagoas e me disseram: o Banco do Brasil está tomando terra dos pequenos. Eu disse para eles: “não vai tomar”. Se o Banco do Brasil quiser tomar terra, tome de quem tem muita terra, mas não tome do pequeno que não tem onde cair morto. É para isso que existe governo, é para isso que existe o Estado, é para isso que vocês confiaram nas pessoas que vocês elegeram, nos deputados, nos senadores, no presidente, no governador, para que a gente olhe com um pouco mais de humanismo, com um pouco mais de carinho para vocês.

Mas companheiros e companheiras, a outra coisa importante foi o que falou o ministro Marcio, aqui. Eu sei que vocês estavam apressados, todo mundo meio... a lombriga maior comendo a menor, de fome. Eu sei que estava todo mundo arretado de fome. Então, eu fiquei pensando que vocês não estavam prestando atenção. Mas, só o que nós já estamos construindo de obras, aqui, e os contratos, são 333 milhões de reais, que vão significar mais empresas melhorando a vida do povo aqui, do estado, mais empregos.

Eu tenho pedido para o Wellington e para os prefeitos: as empresas que vocês contratarem para fazer as obras do PAC, pelo amor de Deus, exijam que a empresa contrate a mão-de-obra da cidade, não deixem trazer ninguém de fora. Porque senão, vem uma empresa de Pernambuco, traz pernambucano; vem uma da Bahia, traz baiano, e o piauiense fica sem trabalhar. Então, é importante que cada empresa contrate os empregados daqui, que forme os empregados.

É por isso que nós estamos fazendo investimentos em escolas técnicas. É por isso que nós estamos fazendo investimentos no ensino fundamental; é por isso que estamos fazendo parcerias com os prefeitos, para fazer creche; é por isso que vamos investir em universidades. Porque eu estou cansado de ver nordestino ser tratado apenas como pedreiro. Eu quero nordestino como engenheiro, eu quero nordestino como médico, eu quero nordestino disputando as melhores vagas deste País.



E nós precisamos parar de andar de cabeça baixa, levantar a nossa cabeça. Nós não queremos nada de ninguém, nós queremos apenas ser tratados em igualdade de condições, com respeito, porque nós gostamos de respeitar e queremos ser respeitados também. É por isso que o Nordeste é a parte do Brasil que mais cresce. É por isso que o consumo no Nordeste está crescendo. É por isso que alguns são contra o Bolsa Família, dizendo que é esmola. É esmola para quem pode dar R\$ 100,00 de gorjeta no uísque que toma, mas para uma dona de casa comprar feijão e fubá para o seu filho é quase que uma coisa sagrada.

É este País, meus companheiros e companheiras, que falta dois anos e oito meses... Vocês viram na televisão, na semana passada, eu não sei nem dizer direito, mas eu estava em casa vendo televisão, e dizia assim: “O Brasil agora virou *investment grade*”. Eu nem sabia o que era isso. Aí, já fui ligar para o Celso Amorim: “Que diabo de palavra é essa?”. Aí, ele falou para mim: é grau de investimento. Eu fiquei mais confuso ainda. Eu fiquei mais confuso.

E, aí, eu comecei a matutar: o que aconteceu com o Brasil? Imaginemos dois trabalhadores: um, que é uma figura... Os dois ganham mil reais, mas um é um homem comportado, cuida da família, paga o seu aluguel, não tem vícios, não perde dinheiro em jogo, todo mês senta com a mulher, discute o que tem que pagar, discute se pode guardar alguma coisa, e vai junto com a mulher fazer compra. Esse é o *investment grade*. O outro recebe o dinheiro e torra tudo em uma mesa de jogo, ou bebe demais, ou gasta demais, ou tem uma mulher, que ele ganha mil e ela gasta dois mil. Este está quebrado.

Então, era assim que era o Brasil. O Brasil estava quebrado, não tinha credibilidade. Não podia sequer pagar as suas importações. Todo mundo lembra quanta faixa tinha aqui, da dívida externa. Cada vez que ia em um lugar era: “Fora FMI”, não sei das quantas. Acabou isso. Acabou! Hoje, nós temos 200 bilhões de dólares de reservas, nosso.

E isso eu não aprendi na universidade, e lamento não ter aprendido. Isso



eu aprendi com a dona Marisa, que dizia: “Só vai comprar o que puder. Se não tem dinheiro para comprar uma roupa, não vai comprar. Quer televisão nova? Primeiro junta dinheiro, não vai fazer dívida”.

Então, a gente foi aprendendo que governar um País deste tamanho é como governar a casa da gente. A gente só gasta aquilo que a gente pode. E na hora que a gente pode fazer uma reservazinha, a gente faz. E, agora, o Brasil, então, está sendo olhado pelo mundo como um país de confiança.

Agora, lógico, companheiros, que tem muita coisa para fazer. Nós estamos só no começo. Tem 500 anos de exploração neste País. Nós estamos começando um processo em que vai acontecer muita coisa. Nós temos dois anos e oito meses de governo. O PAC é o maior investimento em infraestrutura da história deste País, são 504 bilhões de reais. É tanto dinheiro que daria para encher este terreno aqui de dinheiro, para a gente fazer ferrovias, fazer portos, fazer aeroportos, fazer estradas, fazer casas, fazer saneamento básico, fazer escolas, fazer hospital, para a gente transformar o Brasil em um país realmente respeitado. Mas a gente não vai ser respeitado apenas porque a gente tem reservas. A gente vai ser respeitado quando o nosso povo for tratado com decência, tiver educação, tiver saúde, quando diminuir a mortalidade infantil, como o Edson falou, aqui no estado do Piauí.

Por isso, meus companheiros e companheiras, é com muito orgulho que eu venho hoje, aqui, anunciar obras do PAC e entregar aquelas 280 casas. Eu quero te dizer, Hereda, você que é o homem da Caixa Econômica Federal, eu quero te dizer que eu acho as casas pequenininhas. Mas deixa eu falar para vocês: quando eu comprei minha primeira casa, em 1976, ela tinha 33 metros. Eu me lembro de que, nas greves de 80, quando iam mais que três pessoas lá em casa, era obrigado a tirar a Marisa e as crianças, porque não cabia. A Marisa, um dia, inventou de comprar uma geladeira nova e eu falei: “A bicha é tão grande, que tem que tirar o fogão para ela caber”. E aí, aos poucos, você vai levantando uma paredezinha, mais uma paredezinha, aí você constrói a



casa dos seus sonhos. Isso aqui é apenas o começo da independência de um homem e de uma mulher. Ele agora vai comprar as suas coisinhas, daqui a pouco ele está percebendo que ele pode ter um dinheirinho e fazer mais um quarto, daqui a pouco ele vai fazer mais uma coisinha, daqui a pouco ele fica meio saliente e já quer comprar um carrinho, já vai fazer uma garagem. Porque o Brasil é um país fantástico. Quase todo mundo que tem carro, tem casa para o carro, mas tem muita gente que não tem casa ainda, mas o carro já tem uma casinha. Tem gente que pensa na garagem, em primeiro lugar. Mas quer maior prazer do que ter um carro? Tem três coisas que o ser humano não abre mão: toda mulher quer casar com um homem bonito e todo homem quer casar com uma mulher bonita, não é isso? Todo mundo quer ter uma casinha própria e todo mundo quer ter um carro. E, agora, tem mais um desejo: o computador. Quem é que não quer ter um computador? E, agora, com a banda larga. Até 2010, nós vamos levar a internet e banda larga para 57 mil escolas públicas urbanas neste País, de graça.

Então, companheiro Wellington, companheiros deputados, senadores, prefeitos, ministros, eu fico feliz quando eu vejo os soldados recebendo uma bolsa. Porque um dos problemas da polícia brasileira é que além de ser mal remunerada, tem uma péssima formação. O que nós estamos fazendo é apenas estendendo uma mão. Eu sei que não resolve tudo, mas estamos estendendo uma mão, dando uma ajuda para que o companheiro volte a estudar, possa se aperfeiçoar. E o Wellington, hoje, falou uma coisa importante, ele vai transformar a bolsa em salário permanente de vocês. Isso é melhor ainda, desde que vocês não parem de estudar. E nós temos que aprender a entender a polícia como uma extensão nossa. A gente aprendeu ao longo da vida que a polícia era nossa inimiga, quando, na verdade, são pessoas iguais a nós, que exercem uma função e que, às vezes, se colocam contra a gente. Eu mesmo já corri muito de polícia. Eu, nas greves de 78, 79 e 80, era um pega para capar. Agora, eu compreendo o papel da polícia, porque



compreendo que a polícia é um braço necessário do Estado. E quanto melhor formados forem os nossos soldados, quanto melhor eles morarem e quanto melhor eles ganharem, mais chance nós temos de não ter policial corrupto, mais chance nós temos de ver um policial saindo de casa sabendo que a sua mulher está comendo, que seu filho está comendo, está estudando.

Por isso, meus companheiros e companheiras, eu quero, do fundo do coração, dizer para vocês que vir a este estado para mim é quase como se eu tivesse mudando de quarto na minha casa. Eu venho aqui há mais de 28 anos, já percorri isso aqui de carro, de ônibus. Hoje, eu tive a oportunidade de encontrar dois velhos amigos meus: o velho José Ribamar, que fazia tempo que eu não via, e o nosso Luiz Edwiges, que é outro companheiro histórico que eu não via há tempos.

Então companheiros e companheiras, companheiro Wellington, companheiros deputados. Olha, se a coisa continuar do jeito que está, vocês podem ficar certos de uma coisa: ninguém segura este País chamado Brasil. Ninguém segura! A gente pode fazer muito mais. Todos nós aprendemos no primeiro mandato. No segundo mandato, é fazer como o Flamengo fez com o Botafogo ontem, fazer como o Internacional fez com o Juventude. Só não posso falar do Corinthians, porque está capengando.

Mas, de qualquer forma, que Deus abençoe o nosso governador, os prefeitos. E que Deus abençoe, sobretudo, esse povo generoso do estado do Piauí.

Um abraço, gente. Mãos à obra.

(\$211A)